

COUTINHO, Eduardo. *Literatura Comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003, 130p.

Resenhado por: Ronaldo Machado*

Os ensaios selecionados por Eduardo Coutinho em *Literatura Comparada na América Latina* indicam, por um lado, a significativa importância que a disciplina assumiu na América Latina a partir da segunda metade do século XX e, por outro lado, a consistência da investigação teórico-crítica que o autor vem desenvolvendo sobre a Literatura Comparada no universo latino-americano. Escritos de meados da década de 1990 até o ano de 2003, os artigos, que já apareceram em importantes livros e revistas especializadas, do Brasil e do exterior, foram revisados e tiveram a bibliografia atualizada para essa edição.

O livro pode ser lido como um todo onde cada capítulo é uma abertura para a discussão que propõe. Seus nove ensaios formam uma rede onde, a partir da literatura comparada, da teoria, da crítica e da história literárias, os tópicos tematizados são reiteradamente retomados sobre o fundo constante da argumentação de Coutinho: a problematização da relação entre as teorias e a realidade histórico-cultural latino-americana. Nessa perspectiva, os capítulos se entrelaçam e retomam por diversos ângulos, conceitos centrais na atual agenda dos estudos literários, sendo tratados e discutidos por Eduardo Coutinho com todo seu costumeiro rigor e clareza. Identidade, nação, cultura, transculturação, etnocentrismo, multiculturalismo, pós-modernismo, entre outros, são mapeados nos tempos e nos espaços do comparatismo latino-americano, todos convergindo para uma reflexão sobre esse constructo discursivo maior denominado América Latina.

“Associando-se à preocupação com a busca de identidade, agora já não mais vista por uma ótica ontológica, mas sim como uma construção passível de questionamento e renovação, a Literatura Comparada na América Latina parece ter assumido com firmeza a necessidade de enfocar a produção literária a partir de uma perspectiva própria, calcada na realidade do continente, e vem buscando um diálogo no plano internacional”. (p.39)

E nesse sentido é que o comparatismo adquire importância para a América Latina. Como argumenta Coutinho: “é na captação das especificidades da Literatura ou das diversas literaturas latino-americanas e no olhar lançado sobre a tradição literária do continente, que o comparatismo adquire sentido na América Latina, passando de um estudo mecânico de fontes e influências a uma disciplina de abordagem do fenômeno literário capaz de desencadear um verdadeiro diálogo de culturas”. (p.26)

Assim, depois de revisar rapidamente o histórico da literatura comparada na Europa e na América, o autor persegue e indaga sobre o sentido, a função e o lugar da literatura comparada no subcontinente latino-americano. Demonstra como a disciplina entrou em cena na América Latina no momento em que se transformava no seio do comparatismo tradicional da Europa ocidental e da América do Norte, ganhando nova dimensão com as contribuições teórico-críticas do Estruturalismo, Semiologia, Estética da Recepção, Marxismo, Psicanálise e, posteriormente, da Nova História, do Desconstrucionismo e dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais. Embora a mudança de perspectiva da Literatura Comparada tenha ocorrido no meio intelectual europeu, caiu, segundo Coutinho, “como sopa no mel” nos estudos que envolviam a produção literária e crítica latino-americana. O que até então se caracterizava como cópia imperfeita do modelo instituído pela cultura central passou a ser visto como resposta criativa, e o desvio de norma valorizou-se pela dessacralização que efetuava no objeto artístico. Então, os critérios inquestionáveis de originalidade e anterioridade foram lançados por terra e o valor da contribuição latino-americana passou a residir exatamente na maneira como ela se apropriava das formas literárias européias e transformava-as, conferindo-lhes novo viço. Daí em diante “os termos do sistema hierárquico anterior inverteram-se no processo e o texto da cultura dominada acabou por configurar-se como o mais rico dos dois”. (p.21)

Esse descentramento ocorrido no âmbito dos estudos comparatistas ampliou seu cunho internacional e interdisciplinar, passando a abranger uma complexa rede de relações culturais. As discussões teóricas voltadas para a busca de universais deixaram de ter sentido e seu lugar foi ocupado por questões localizadas – como as da América Latina – que começaram a dominar a agenda da disciplina: problemas como o das relações entre uma tradição local e outra importada, das implicações políticas da influência cultural, da necessidade de revisão do cânone literário e dos critérios de periodização, entre outras.

O elemento político do comparatismo passou não só a ser assumido conscientemente, como inclusive enfatizado, surgindo uma necessidade imperativa de revisão dos cânones literários, o que leva o autor a levantar, a respeito de tal ponto, questões fundamentais para os estudos literários latino-americanos: Como se construir cânones – seja na esfera nacional, seja na internacional – que contemplem as diferenças clamadas por cada grupo ou nação? É possível instituir-se cânones com margens de flexibilidade, que não venham a cristalizar-se, tornando-se novas imposições? Serão estes ainda cânones?

* Ronaldo Machado é doutorando em Literatura Comparada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O autor também analisa em detalhe dois *topoi* marcantes da busca da identidade latino-americana: *mestiçagem* e *multiculturalismo*. Revisando primeiramente o conceito de América Latina em sua problemática constitutiva de identidade/diferença, forjado desde o olhar estrangeiro, Coutinho abre caminho e estabelece um referencial crítico para indagar sobre pertinência, limitações e ambigüidades dos discursos que operam com as noções referidas, mormente após o advento do Desconstrucionismo, da Nova História e dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais. Segundo Coutinho, “o ideograma da ‘América mestiça’ exerceu um papel fundamental na construção do discurso de identidade latino-americana até meados do século XX pela ênfase que buscava conferir ao fenômeno histórico da miscigenação étnica e cultural em contraposição à segregação que se verificara nos países americanos colonizados pelos ingleses e ao mito da arianidade, tão amplamente clamado por toda uma linhagem de pensadores europeus. No entanto, o que parece não ter sido percebido na ocasião é que havia uma distinção fundamental entre o fenômeno histórico da mestiçagem e a ideologia construída, que englobava num discurso hegemônico culturas heterogêneas, neutralizando suas diferenças. Como todo discurso de caráter totalizador, a ideologia da mestiçagem, presente em várias dessas propostas, ao invés de procurar ouvir as vozes das comunidades indígenas, negras e de imigrantes europeus ou asiáticos aportados posteriormente à América Latina, integrava-os todos num conjunto uniforme, que, pelos semas positivos que havia adquirido, lhes fazia esquecer sua própria condição de marginalização”. (p.50) Depois, as teses que se sucederam à ideologia da mestiçagem giram em torno da idéia de hibridez, ou heterogeneidade, e procuram conceituar o continente não mais como uma cultura européia misturada com componentes indígenas e africanos, mas como o resultado sempre provisório do cruzamento de influências heterogêneas em constante mutação, como são os estudos de García Canclini e Antonio Cornejo Polar. Mas, para Coutinho, o que permanece ainda é a necessidade de uma constante indagação sobre legitimidade de tais idéias, pensadas originariamente para outras formações histórico-culturais.

Apontando as significativas contribuições que as teses da heterogeneidade cultural aportaram para a revisão do discurso de identidade latino-americana e conseqüentemente para os estudos de Literatura Comparada desenvolvidos no continente, o autor não deixa de alertar – e isto é um eixo constante do livro – para o problema das teorias importadas. Surgidas por influência do multiculturalismo que floresceu no contexto norte-americano, essas teses, ao serem pensadas com relação à América Latina, não podem deixar de levar em conta as diferenças em relação à América anglo-saxônica. Para Eduardo Coutinho “as teorias do multiculturalismo trazem também à tona indagações que, ao revelar sua face menos clara, relativizam a ideologia democrática sobre a qual ele se erigiu. Pois, se é fato que o multiculturalismo rejeita toda sorte de assimilacionismo e defende utopicamente a coexistência harmônica de grupos étnico-culturais distintos, se poderia perguntar também se por outro lado ele não estaria a serviço de uma política segregacionista de guetização, que favorece a manutenção endogênica de culturas e se oferece como novo modelo de teor universalizante”. (p.56)

Desse tema decorre a discussão que Coutinho estabelece sobre os Estudos Culturais e Pós-Coloniais quando pensados para o contexto latino-americano. Demonstrando como a chamada Teoria Pós-Colonial surge da desconstrução de teorias européias e de sua reestruturação a partir de uma reflexão profundamente crítica sobre o elemento local, bem como do diálogo estabelecido entre este e a tradição ocidental, destaca que no centro dos Estudos Culturais e Pós-coloniais a preocupação foi a de “provincializar”, relativizar, contextualizar, a *episteme* européia, transformando-as criticamente. Não deixa de lembrar que, pela semelhança de problemas e preocupações que apresentam, tais Estudos encontraram na América Latina um terreno fértil, vindo a respaldar reflexões já bem maduras – como a o Modernismo brasileiro, do Indigenismo hispano-americano, do Realismo Maravilhoso. Filia, então, a recepção das teorias pós-coloniais à “tradição da ruptura” que caracterizaria a literatura latino-americana, destacando, entretanto, o caráter mais visível que aquelas conferem a todo tipo de produção cultural que até então ficara à margem de todo reconhecimento.

Eduardo Coutinho também examina nesse livro as posições presentes no debate crítico latino-americano acerca da relação entre a conceituação teórica do Pós-Modernismo e a produção literária contemporânea na América Latina, apresentando e discutindo as teses que aproximam ou afastam a literatura latino-americana atual do que vem sendo denominado Pós-Modernismo no eixo euro-norte-americano. Não descartando a série de elementos que permitem justificar a aproximação das obras literárias latino-americanas com a de autores tidos como representativos do que se vem chamando Pós-Modernismo no meio euro-norte-americano, insiste no cuidado em não se esquecer as diferenças que fundamentam os contextos histórico-culturais em que surgiram e que a muitas vezes a aproximação adquire um quê de falaciosa, revelando de fato o etnocentrismo que norteia ainda o discurso dos países ditos centrais.

O autor também se debruça sobre a epistemologia dos estudos literários contemporâneos, analisando as relações entre literatura comparada, teoria, crítica e historiografia literárias. Demonstrando e insistindo no caráter datado e arbitrário do estabelecimento de fronteiras rígidas entre esses ramos de estudo do literário, destaca a vocação inter e transdisciplinar da Literatura Comparada, desde seu nascimento no século XIX. Como o interesse maior do comparatista deslocou-se da preocupação com a natureza e função da literatura no plano internacional, para a tentativa de compreensão das diversas contradições da categoria do literário em diferentes culturas, a contextualização tornou-se uma palavra de ordem nos estudos comparatistas, sendo o estético

considerado um valor entre outros, associado a fatores de outra sorte, que incluem necessariamente o político, ponto esse que se destaca na historiografia literária contemporânea, e mais especificamente a historiografia literária latino-americana de que é conhecedor.

“Se não se pode mais pensar a história em termos de um esquema linear e unicultural, mas apenas como a articulação de sistemas que se imbricam, superpõem e transformam constantemente; se não se pode mais restringir a produção de um povo a um espaço arbitrariamente construído por razões de hegemonia político-econômica, mas, ao contrário, encarar esse espaço como um *locus* móvel e plural; se finalmente não se pode mais limitar o âmbito da literatura à produção escrita ficcional ou poética, os *corpora* que serviram de base às histórias literárias tradicionais perdem sua fixidez, tornando-se múltiplos e dinâmicos, e dão margem à coexistência de cânones distintos dentro de um mesmo contexto.” (p.85)

Desta caracterização geral da historiografia literária contemporânea, decorrem os aspectos particulares da atual historiografia literária latino-americana: a revisão do conceito de América Latina, na medida em que essa historiografia passou a incluir a produção literária de povos do Caribe que não foram colonizados por neolatinos, como as antigas colônias inglesas e holandesas da região, e de universos transculturais dentro das nações anglo-saxônicas do continente, como as minorias hispânicas no interior dos Estados Unidos; o abandono de qualquer sentido de progressão ou evolucionismo em favor da noção de simultaneidade ou de confluência de linhas; a opção por um mapeamento espacial por sobre as fronteiras políticas, instituídas arbitrariamente, substituindo-se, sempre que necessário, conceitos como o de “nação” por outros mais fluidos, como o de “regiões culturais” (comarcas culturais, em Angel Rama); inclusão de formas orais de grupos populares e grupos étnicos até então excluídos pela vertente canônica.

A questão historiográfica traz à tona o sempre problemático tema da relação entre o discurso literário e a identidade nacional, o que sempre está no horizonte crítico do autor. Discute-o a partir do que chama “abertura do cânone”, onde a enorme produção cultural de grupos marginalizados passou a receber atenção crítica e teórica. Como isso, conceitos como “literatura nacional”, forjados no meio acadêmico europeu e baseados em noções de unidade e coesão, revelaram-se impróprios para expressar a realidade cultural híbrida latino-americana, sendo que essa mudança de foco verificada no seio dos estudos latino-americanos - da preocupação com a construção de uma literatura nacional para a preocupação com a representação da heterogeneidade - tornou-se o traço mais relevante desses estudos nas últimas décadas.

O livro fecha-se com a questão da recepção da teoria literária na América Latina, a partir do conhecido problema do “torcicolo cultural” que caracteriza a região, onde historicamente as “cidades letradas” exerceram o domínio mítico da palavra escrita sobre as adjacentes culturas ágrafas. Aqui os estudos literários sofreram uma grande transformação nas décadas de 1960 e 1970, passando do periodismo para o meio acadêmico e das mãos dos críticos em geral para as de professores e pesquisadores universitários. E aí reside o problema discutido, pois a instituição universitária foi a receptora e diluidora de modelos teóricos forâneos, que aplicados de maneira dogmática, como foi o caso do Estruturalismo, ratificavam a postura etnocêntrica constituidora de suas bases. Para Coutinho a importação de correntes teóricas diversas oriundas de pontos diferentes é prática cujos benefícios não cabe absolutamente pôr em dúvida; o que ele questiona é o teor dessas importações, feitas ainda em grande escala de modo acrítico e indiscriminado, como por exemplo, as teorias do Multiculturalismo. Ao contrário do que prevaleceu ao longo do século XX na literatura, nas artes e na ensaística, onde um filtro crítico, antropofágico ou transculturador, realizava uma operação de assimilação seletiva do material importado, dando origem a algo novo que mantinha aspectos das contribuições estrangeiras, mas misturados com dados da tradição local que também apresentavam uma face discernível, no âmbito estrito da Teoria Literária só muito recentemente têm surgido tentativas nesse sentido.

No último parágrafo de *Literatura Comparada na América Latina*, fechando o ensaio e o livro, Eduardo Coutinho deixa um lúcido – ainda que amargo – questionamento sobre o estado da Teoria Literária na América Latina, onde muito já se avançou nos estudos literários, mas muito mais ainda preciso ser pensado e feito: “Tais indagações parecem, contudo, ainda muito incipientes no meio intelectual latino-americano. Ao invés disso, o que se observa com mais frequência, ao menos no âmbito do ensino, é a importação acrítica de correntes teóricas ou, o que ainda parece mais problemático, o mergulho no âmbito da Teoria, dissociada de qualquer prática efetiva. Revestida de um teor de autoridade, decorrente talvez da identificação estabelecida no período estruturalista com o discurso da ciência, e mais tarde no pós-estruturalista com o da filosofia, a Teoria é explorada muitas vezes pelo prestígio que confere, exercendo um papel talvez bem próximo ao do latim nos rituais da Igreja tradicional. Em países onde se lê pouco e onde raras vezes se ensina a refletir sobre essas parcas leituras, ensinam-se, em vez de as teorizar, teorias importadas sem se estabelecerem seus vínculos com o contexto de recepção, mantendo-se assim, pela falta de questionamento, uma postura de no mínimo subserviência com relação ao produto forâneo. Além disso, ao mitificar essas teorias, tornando-as símbolos de *status* de quem as professa e as absorve, aprofunda-se, em vez de atenuar-se, a distância entre os dois pólos do ensino – os lugares do professor e do aluno –, tornando-se conseqüentemente mais difícil qualquer transposição de barreiras”. (p.121)

Em *Literatura Comparada na América Latina* o horizonte é, como escreveu Eduardo Portella na contracapa do livro, a América Latina, mas o país é o mundo, na sua trama intramundana e transnacional. A Nação, a região, a cultura cosmopolita assinaram um protocolo interativo consistente, sob os auspícios da linguagem e o superior olhar crítico de Eduardo Coutinho.